

# Corpo, escuta e escrita

Pistas para ativar  
múltiplas linguagens  
em saúde

Liliane Oraggio

*CORPO, ESCUTA E ESCRITA*  
*Pistas para ativar múltiplas linguagens em saúde*  
Copyright © 2024 by Liliane Oraggio  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial Ltda.

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Preparação de texto: **Cacilda Guerra**  
Revisão: **Mariana Marcoantonio**  
Capa: **Alberto Mateus**  
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Este livro foi baseado na dissertação de mestrado *Escuta e escrita para profissionais de saúde — Uma experiência corporal na interface entre saúde e comunicação*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), campus Baixada Santista, em 23 de julho de 2021, com a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CAEE: 11133019.0.00005505). Orientadora: profa. dra. Flavia Liberman.

**Summus Editorial**  
Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

**7** \_\_ Prefácio

**11** \_\_ Introdução

**31** \_\_ Chegando pela escuta

**55** \_\_ [In]fluxo: corpo

**91** \_\_ Escrever escrevendo o corpo

**119** \_\_ Formando quem cuida de cuidar

**135** \_\_ O avesso da tapeçaria

**163** \_\_ Para inspirar a criação de oficinas

**187** \_\_ Referências

**191** \_\_ Anexo — Questionário de avaliação

# Prefácio



Neste livro, Liliane Oraggio nos presenteia com sua pesquisa passo a passo. Com sua bagagem sólida em terapias corporais, na escuta clínica de base fenomenológica e na linguagem escrita, a autora se arrisca na experimentação, sem um roteiro preestabelecido. Cria um protocolo que inclui o inesperado: aquilo que é vivenciado e percebido pelos participantes — a partir de suas propostas de sensibilização corporal e percepção de si e do grupo — modifica o rumo de seus procedimentos.

Como leitores, mergulhamos com a autora e condutora do processo, ansiosos para entender como a sequência de ações se desenrolará. Por vezes, nos identificamos com os relatos de cada participante; em outros momentos, nos colocamos em seu lugar, já que a autora se envolve de corpo e alma como elemento sensível da experiência que propõe.

Liliane nos conduz ao cuidado. Cuidar mesmo antes de adoecer. Nesse sentido, sua proposta tem caráter preventivo. Ou, ainda, cuidar depois que a situação de adoecimento ocorre — o que, a meu ver, alcança a função terapêutica. Seus instrumentos de transformação são o corpo e a palavra. A sensibilização corporal ocorre com base no método dos cinco passos do terapeuta norte-americano Stanley Keleman, criador da psicologia formativa e autor de *Anatomia emocional* (Summus, 1992), obra que norteia a atual pesquisa.

A sensibilização da palavra ocorre a partir da leitura de textos literários e da discussão de trechos de filmes, que dão subsídio para diálogos e novas formas de comunicação. As experiências corporais são vividas subjetivamente por cada participante, que encontra a possibilidade de se expressar de diversas maneiras ao longo dos encontros: por meio de práticas de comunicação não verbal, narrativas orais, depoimentos pessoais, leituras, até chegar às palavras escritas, aos cadernos de anotações e aos desenhos, que criam uma cartografia do processo. Entendemos, assim, que a autora conecta o cuidado à necessidade de autoconhecimento e expressão, criando uma metodologia própria: corpo, escuta e escrita.

Para aplicar seu método, proposto na interface entre saúde e comunicação durante o mestrado interdisciplinar em Ciências da Saúde, Liliane escolheu um grupo de profissionais da área, seus colegas de pós-graduação da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), campus Baixada Santista, incluindo psicólogos, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais e farmacêuticos. Ao selecionar esse grupo de cuidadores, profissionais de saúde, sua intenção foi “cuidar de quem cuida”, mas acredito que o modelo criado por ela pode ser aplicado a inúmeros outros contextos educacionais e profissões. Essa pesquisa, que surge no meio acadêmico, aborda temas de extrema importância: a saúde mental e física no trabalho, especialmente a daqueles que cuidam dos outros. As estatísticas demonstram como adoecemos física e psicologicamente no ambiente de trabalho. Trata-se de um assunto urgente nos dias atuais. Como enfrentar esse desafio?

O presente livro dá elementos para refletir sobre o tema e encontrar saídas não idealizadas para transformar essa realidade. Nós, seres humanos, aprendemos de duas formas: por meio da experiência prática, pessoal e subjetiva e por meio dos conhecimentos recebidos e transmitidos, sistematizados e descritos. Chamamos essas duas formas de aprendizado implícito e explícito, respectivamente.

No aprendizado implícito, aprendemos fazendo. É o caminhar para o bebê, o andar de bicicleta para a criança, o beijar pela primeira vez para o adolescente apaixonado, o aprimorar a própria profissão para o adulto ao longo de sua carreira. Nessa forma de aprendizado, a experiência corporal é central. Aprendemos com o corpo através da ação, dos sentidos,

dos movimentos; aprendemos com os erros e acertos vivenciados na prática, na pele, nos músculos, nos ossos. Guardamos memórias corporais dessas experiências.

Já o aprendizado explícito, igualmente importante, é aquele que pode ser descrito, explicado, codificado, organizado em palavras, regras, leis e postulados. Presente ao longo de nossa vida acadêmica, essa forma de aprendizado abre espaço para o entendimento racional — o raciocínio, a reflexão e o juízo de valores, habilidades características de nossa espécie. Para Liliane Oraggio, essas duas formas de aprendizado caminham juntas, e o “adoecimento” ocorre pela dissociação entre elas.

Em outras palavras, a recuperação da saúde, especialmente a dos profissionais da área de saúde, se dá pela integração do corpo e da mente. Como afirma a psicologia formativa, a mente está no corpo, e Liliane nos conduz por essa experiência de integração com maestria e sua escuta e escrita, fluidas e claras.

ANDRÉ TRINDADE

Psicólogo, psicomotricista, autor de *Gestos de cuidado, gestos de amor* e *Mapas do corpo* (ambos publicados pela Summus)

# Introdução

*Às vezes, eu temo a escrita,  
A escrita me leva para dentro do medo  
Porque não escapo das muitas construções coloniais.  
Nesse mundo, me vejo como um corpo que  
não pode produzir conhecimento.  
Como um corpo “fora” do lugar.  
Eu sei que, enquanto eu escrevo,  
Cada palavra que escolho será examinada  
e talvez até mesmo invalidada.  
Então, por que eu escrevo?  
Porque eu tenho que escrever.  
Grada Kilomba, *While I write**

---

## Sementes no caos

Escrever sobre o escrever. Um intenso exercício de metalinguagem: palavra do vocabulário da linguística que designa o uso de uma linguagem para falar de linguagem, um código usado para falar sobre o próprio código. Esse é o foco infinito deste livro, que pretende ser uma possibilidade de companhia no ato de transpor o que se vê e se sente para o papel e para o futuro. Ele nasce para facilitar processos de escrita de profissionais das várias áreas de saúde, que são desafiados a produzir textos para prontuários, palestras, teses, dissertações, artigos, folders para a divulgação de seus trabalhos. Porém, o alcance é maior. Seja qual for a atuação, a proposta aqui é produzir um texto vivo, uma secreção escrita produzida pelo corpo inteiro implicado na presença diante de um outro ou de um grupo de humanos.

Além de chaves e inspirações para a produção de escuta e textos sensíveis, vamos descrever os movimentos circulares e inacabados de uma pesquisa-intervenção, em que o método cartográfico norteia os acontecimentos em movimento contínuo, em fluxo. Vamos falar da pesquisa na própria ação de pesquisar, falar da escrita — e suas múltiplas camadas — escrevendo. O propósito é transformar o vivido no *laboratório-vivo* de produção de conhecimento em documento, para que continue a pulsar e para que possa

fazer ressoar toda a vitalidade envolvida nesta pesquisa-intervenção — isto é, uma pesquisa que exige “um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscíveis prévios à relação que os liga” (Passos e Barros, 2009, p. 30).

O campo de produção desta pesquisa teve a forma de um ciclo de dez encontros presenciais, batizados de “Oficinas Corpo, Escuta e Escrita — Experimentos Textuais Formativos”, realizados ao longo do segundo semestre de 2019 — em plena consolidação do governo antidemocrático, que sacudiu todo esse período com fatos estarrecedores, agravados pelo inédito acontecimento mundial da pandemia de covid-19. O desmonte nos campos da saúde, da educação, das universidades, o descaso com o conhecimento científico na gestão da emergência sanitária e o completo desamparo social foram intensificados. A realidade em que mergulhamos resultou em muitos abalos que reverberaram em mim. Este texto começa a ser escrito no septuagésimo dia de isolamento social, em meados de maio de 2020.

As oficinas-encontros foram realizadas quinzenalmente. Começaram reunindo um grupo de 28 profissionais de saúde, a maioria deles vinculada a serviços de saúde pública no município de Santos (SP), todos envolvidos com projetos de escrita de mestrado acadêmico ou profissional. Inicialmente, eram 24 mulheres e quatro homens, confirmando a preponderância da presença feminina nas várias frentes da saúde — ao final, eram três homens e 15 mulheres.

A cada encontro, repetidas vezes, os participantes falavam do cansaço, da tristeza e da indignação, sentimentos que, intensificados, deram origem a grandes questões: há sentido em continuar produzindo conhecimento? Será que a universidade federal sobreviverá para que possamos concluir nossos trabalhos de mestrado e doutorado? Qual é o propósito dessas produções de pós-graduação, sejam elas na modalidade acadêmica ou profissional? Essas interrogações, tão intensas, acabaram por cunhar um sentido de micropolítica de resistência a cada encontro — que, talvez, em outro período menos exigente, não se apresentasse. O turbulento momento de “ficar em casa” serviu de balão de ensaio para a vitalidade deste trabalho. Foi nessa reclusão que pôde vir à luz o que realmente importa a esta pesquisa acadêmica. Em mínimas palavras: manter a vida.

Então, questionamentos surgiram:

- .. Como manter vivos os temas que afloraram para além das questões clínicas e da linguagem?
- .. Do que necessita o corpo do profissional de saúde? Onde dói? Como lidar com a insalubridade nas múltiplas funções?
- .. Como manter viva a qualidade dos experimentos, criando uma metodologia que possa ser replicada sem virar cópia?
- .. Como manter viva a produção feita no calor do encontro?

Quando o campo de produção da pesquisa é em si um encontro de singularidades, uma oficina, um processo inserido em um intenso momento do processo histórico, sobrevém o propósito de manter pulsante a experiência em uma investigação que, para além dos limites teóricos, documente também processos individuais e de grupo, estando em sintonia ao evidenciar as múltiplas linguagens e demonstrar como os conceitos, a prática corporal e a prática escrita podem ser amalgamados para produzir conhecimento em múltiplas camadas.

O método cartográfico, que em sua orientação permite a coexistência de linguagens, foi escolhido como norteador e capaz de dar corpo ao trabalho de uma pesquisa-intervenção acadêmica, enfatizando-a sem perder a possibilidade de incluir todas as camadas do processo, inclusive a da história social.

- ≡ Para os geógrafos, cartografia — diferentemente do mapa: representação de um todo estático — é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. [...] Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que seja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago. (Rolnik, 2011, p. 23)

Esta pesquisa-intervenção acontece na interface dos campos da saúde e da comunicação, mas não apenas contemplando essas áreas formais. O pro-

cesso vai além, levando a investigação a pulsar na interface entre cuidado e expressão como campos da produção humana, com muitas nuances, com ênfase nos conteúdos que enriqueçam as práticas do autocuidado e do cuidar do outro. Em síntese, o objetivo desse processo é desenvolver a sensibilidade de profissionais de saúde, aprimorar as habilidades de linguagem e as formas de expressar por escrito e oralmente as experiências de cuidado, cultivando a qualidade da interação, seja com as equipes multidisciplinares, seja com os pacientes e/ou acompanhados e seus familiares.

Não por acaso, essas áreas se entrecruzam neste estudo, que é fruto de extenso trabalho nas duas frentes: por cerca de três décadas, fui jornalista especializada em comportamento e, há 14 anos, “migrei” para a área de saúde, atuando como pesquisadora interdependente, terapeuta corporalista e acompanhante terapêutica (de pessoas em recuperação psiquiátrica) na cidade de São Paulo. O desafio de transformar esse trabalho neste livro é, na verdade, mais uma peça de um longo percurso profissional, intelectual e pessoal.

## **“Quero aprender a escrever assim”**

O desejo de reconstituir essa trajetória e multiplicar essa experiência ficou ainda mais forte a partir de uma publicação. Depois de oito anos em atividade clínica, com centenas de anotações dos atendimentos individuais e grupais e outras captações do sofrimento psíquico, transformei esse material no livro *Ouço vozes — Escuta, registro de diálogos e epifanias no acompanhamento terapêutico* (Oraggio, 2017), lançado no XI Congresso Internacional de Acompanhamento Terapêutico, realizado em novembro do mesmo ano na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), campus São Paulo. A obra contou com as apresentações de Maurício Porto, psicanalista e acompanhante terapêutico, referência para muitos profissionais das duas áreas, e Patrícia Mattos, psiquiatra que, desde as supervisões no Ambulatório Longitudinal de Psiquiatria da Unifesp, campus São Paulo, confiou nas narrativas e manejos clínicos por mim propostos no trabalho com pacientes de acompanhamento terapêutico.

O livro foi muito bem recebido, e seu estilo chamou a atenção de alguns leitores, profissionais de saúde que queriam “aprender a escrever assim”.

Esses pedidos me impulsionaram a criar conteúdo para dez encontros de aprimoramento, pensando especificamente nos desafios enfrentados por psicólogos, terapeutas ocupacionais, acompanhantes terapêuticos e outros profissionais de várias áreas da saúde que desejam transformar o trabalho clínico em narrativas, para além da formalidade dos prontuários e laudos. Assim nasceu o curso “Ouço Vozes — Grupo de Escuta e Escrita para Profissionais de Saúde”.

A primeira edição do curso aconteceu no primeiro semestre de 2018, e a primeira aula em 15 de março. Naquele dia, o país foi sacudido pelos assassinatos da vereadora Marielle Franco e de seu motorista, Anderson Gomes, ocorridos na véspera, no Rio de Janeiro, tornando inevitável vincular a prática da escrita à história social. Os participantes — um mestrando, uma mestra que queria publicar um livro sobre um caso extenso que acompanhara, outra com desejo de reunir em livro crônicas a respeito do acompanhamento terapêutico em dispositivo da saúde coletiva e uma profissional de saúde interessada em detectar bloqueios de escrita — foram introduzidos, ao longo dos dez encontros, a uma série de dinâmicas experimentais. Em síntese, trabalhamos a escrita como ação corporal, iniciando cada encontro/aula com uma prática formativa, e em seguida cartografamos a experiência, isto é, colocamos em palavras, anotamos, desenhamos o vivido. Juntos, vivenciamos vários modos de sensibilizar a escuta, a captação, o registro, o compartilhamento dos relatos.

Nesse pequeno grupo, ficou claro que trabalhar a prontidão na produção de textos era crucial: nos últimos 30 minutos de cada aula, os alunos eram desafiados a produzir um texto temático (sobre o banal, uma descrição corporal, um diálogo, a escrita automática). Essa prática foi muito útil para desconstruir a crença de que é preciso estar no lugar ideal e no tempo estendido para que a escrita se produza. Além disso, todos foram introduzidos às etapas do processo de elaboração e edição de uma publicação (conhecimento que vale para livros impressos e digitais). Ao final, em apenas dois meses e meio de ação grupal, havia uma produção substancial e criativa, baseada em fatos ocorridos durante as práticas de cuidado, que gerou o *e-book* intitulado *Ins Tantan E Os — Diálogos e epifanias nos percursos da saúde mental* (Oraggio, 2018).

Esse, então, foi o protótipo das “Oficinas Corpo, Escuta e Escrita — Experimentos Textuais Formativos”, oferecidas para alunos da pós-graduação em Ciências da Saúde da Unifesp/Campus Baixada Santista, experiência coletiva, campo fértil de discussão e análise. O programa de atividades foi semelhante ao utilizado no contexto do anterior, de curso livre, porém o fato de se realizar dentro da universidade e com esses participantes com necessidades específicas trouxe algumas atualizações e outras questões para o âmbito da pesquisa:

- 1.. Como ministrar uma oficina para os pares mantendo a horizontalidade no compartilhamento do conhecimento?
- 2.. Sendo eu da capital do estado e mais velha que a maioria dos participantes, como diluir possíveis limites, diminuir ruídos e facilitar o acontecimento coletivo? Muitos dos participantes já partilhavam rotinas de trabalho, se conheciam dos dispositivos de saúde e inclusive eram amigos. Como criar um campo-corpante (Keleman, 1996), isto é, um ambiente confiável em que as pessoas de fato pudessem mergulhar nas várias experimentações?
- 3.. Como equalizar os ritmos, as expectativas, sendo eu ao mesmo tempo ministrante e mestranda?

Alguns autores deram o chão para que esse início fosse bem-sucedido e promissor para toda a produção de dados da pesquisa-intervenção. Em primeiro lugar, Italo Calvino (1998) e Roland Barthes (2005), que, respectivamente, nos livros *Seis propostas para o próximo milênio* e *A preparação do romance*, revelaram seus processos de preparação para ciclos de palestras para público estrangeiro na Universidade Harvard e no Collège de France. Guardadas as devidas proporções, essa leitura teve em mim o efeito de autorizar a ampliação do meu território para além do projeto piloto, assumindo uma ação de formação continuada no contexto da educação formal, na universidade.

A escritora portuguesa Grada Kilomba, mulher negra que escolheu a Universidade de Berlim para fazer seu doutorado sobre racismo estrutural, foi uma das minhas referências para considerar as questões acima e tam-

bém para confiar nesse tecer do conhecimento entre pares. No livro *Memórias da plantação*, ela descreve seu processo com seus pares e conceitua a prática do *study up*:

- ≡ Em um *study up*, pesquisadoras/es investigam membros de seu próprio grupo social, ou pessoas de status similares, como forma de retificar a reprodução constante do *statu quo* dentro da produção de conhecimento [...]. Fazer pesquisa entre iguais tem sido fortemente encorajado por feministas, por representar as condições ideais para relações não hierárquicas entre pesquisador/es e informantes, ou seja, onde há experiências compartilhadas, igualdade social e envolvimento com a problemática. [...] Essa atitude de “subjetividade consciente” [...] permite pedir às/aos entrevistadas/os para “qualificar declarações específicas e entrar em detalhes sem induzir reações defensivas por parte delas/es” (Essed, 1991, p. 67). Por conseguinte, não concordo com o ponto de vista tradicional de que o distanciamento emocional, social e político é sempre uma condição favorável para a pesquisa, melhor que o envolvimento mais pessoal. Ser uma pessoa “de dentro” produz uma base rica, valiosa em pesquisas centradas em *sujeitos*. (Kilomba, 2019, p. 83)

## Primeiro contato

Em sintonia com esse conceito, a prática proposta no primeiro encontro foi uma apresentação diferente, que criou o elo de confiança necessário para a experiência vincular em que estávamos envolvidos. “Vínculo: um processo cíclico de mover-se para o mundo e voltar para si. Vincular-se envolve uma onda pulsatória que passa por ciclos de expansão e contração [...]” (Keleman, 1996, p. 83). Em vez de recitar a apresentação de si próprio incluindo dados da trajetória pessoal e profissional, cada participante era apresentado por um colega, e desafiado a ouvi-lo sem interromper. Isso evidenciou os vínculos preexistentes entre eles, o que preparou o terreno para a próxima atividade. Em duplas, um contava ao outro a história do próprio nome. A pessoa que escutava seria a responsável por contar ao grupo a história do nome da outra, podendo mesclar dados da realidade e da ficção.